



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

pcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Lee-Manoel Landgraf, Cristina; Morais Salum e, Maria de Lima; Raad Bussab, Vera Silvia; Otta,
Emma

Quem é Bom (e Eu Gosto) é Bonito: Efeitos da Familiaridade na Percepção de Atratividade Física em
Pré-Escolares

Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 15, núm. 2, 2002, pp. 271-282
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18815205>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Quem é Bom (e Eu Gosto) é Bonito: Efeitos da Familiaridade na Percepção de Atratividade Física em Pré-Escolares

Cristina Landgraf Lee-Manoel^{1,2}

Maria de Lima Salum e Morais

Vera Sílvia Raad Bussab

Emma Otta

Universidade de São Paulo

Resumo

O estudo procurou determinar a relação entre julgamentos de atratividade física, indicadores sociométricos e descrições comportamentais em pré-escolares. A atratividade das crianças foi avaliada por três adultas familiarizadas com as crianças, por suas colegas e por elas próprias. Foram apuradas as escolhas positivas que cada criança recebeu. As crianças julgaram o comportamento dos colegas dentro de quatro dimensões: alegria/ tristeza; afeto/ desafeto; agressivo/ não-agressivo; sociável/ isolado; colaborador/ perturbador. Para avaliar a autopercepção das crianças, aplicou-se a escala de Competência e Aceitação Social Percebidas para Crianças. Encontraram-se correlações significativas entre as avaliações de atratividade física segundo adultas familiarizadas e segundo os colegas com escolhas positivas e com atratividade social. Os resultados denotam ligações entre afeto, julgamento de atratividade e avaliações de auto-percepção estabelecidas em crianças de 5 anos, indicando que o efeito do estereótipo torna-se menor à medida que a informação sobre a pessoa que está sendo julgada aumenta.

Palavras-chave: Atratividade física; escolhas sociométricas; características comportamentais; auto-percepção.

Who is Good (and I Like) is Beautiful: Effects of Familiarity on Preschoolers' Judgments of Physical Attractiveness

Abstract

This study examined the correlation between preschool judgements of physical attractiveness, sociometric descriptions of peers. Children's physical attractiveness was evaluated by three adults acquainted with the children, peers and by the children themselves. Peer's behavioral descriptions were evaluated in four dimensions: happiness/ sadness; affection/ aversion; aggression/ not aggression; sociability/ withdrawal; and cooperation/ disturbance. The Peer's Competence and Social Acceptance was administered in order to evaluate children's self-perception. Correlations between adults acquainted with the children and peer's evaluations of physical attractiveness and social prosocial behavioral descriptions were found. Results suggest well established connections among affective judgements and behavioral descriptions in 5 years old, showing that the stereotype effect decreases as the information about the judged target increases.

Keywords: Physical attractiveness; preference by peers; behavioural characteristics; self-perception.

Os julgamentos interpessoais são freqüentemente influenciados por estereótipos. Esses, independentemente de estarem certos ou errados, fazem parte de um processo humano inevitável, constituindo-se numa espécie

a certeza (Berger & Calabrese, 1994). Ainda que se utilize qualquer pista infativa, de sentido, a aparência física é fundamental durante uma interacção inicial.

Dion, Berscheid e Walster (1972) cunharam a expressão “quem é bonito é bom” para designar a tendência a atribuir diversas características positivas - como inteligência, sociabilidade e sucesso ocupacional - a pessoas consideradas atraentes, em detrimento daquelas apreciadas como pouco atraentes. Vinte anos depois desse artigo paradigmático, uma meta-análise feita por Feingold (1992), com base em 78 pesquisas que procuraram identificar os traços consistentemente associados à atratividade física, mostrou que pessoas tidas como atraentes são percebidas como mais sociáveis, dominantes, sexualmente calorosas, mentalmente saudáveis e socialmente habilidosas do que as vistas como pouco atraentes. Embora muitas provas atestem a existência da norma que diz “o que é belo é bom”, a atratividade física também pode ser associada a alguns traços indesejáveis, como vaidade, egoísmo e maior tendência a ter problemas conjugais (Dermer & Thiel, 1975; Wheeler & Kim, 1997). Esses trabalhos referem-se às primeiras impressões, em que juízes que não conhecem as pessoas atribuem a elas, através de fotos, características sócio-afetivas. Entretanto, à medida que as pessoas se familiarizam com as outras, existe a possibilidade de que características positivas afetem o julgamento de atratividade, criando o efeito “quem é bom é bonito”. Desconhecem-se estudos que tenham abordado essa problemática, principalmente considerando-se as avaliações de crianças.

O estereótipo da atratividade física também está presente nas impressões formadas por professores a respeito dos seus alunos. Crianças consideradas atraentes tendem a ser vistas como socialmente mais competentes, mais inteligentes e com maior potencial educacional em comparação com as julgadas pouco atraentes (Knapp & Hall, 1972/1999). Entretanto, na meta-análise de Feingold (1992), não se verificaram relações notáveis entre atratividade física e traços de personalidade como a sociabilidade, a dominância, a saúde mental e outros, com exceção de alguns atributos relacionados ao comportamento social.

Estudos com crianças têm demonstrado que atratividade

de desenvolver problemas de ajustamento futuro (Attili, 1990; Furnham, 1989; Hatz, 1996; Parke & cols., 1997; Rubin, 1999). A atratividade física está relacionada à rejeição física da criança pode ser considerada boa (quando não é considerada boa), ou de pior (quando é considerada boa) no desenvolvimento. De fato, traços anti-sociais são avaliados com maior consideração temporária quando apresentadas como atraentes. O mesmo ato de considerar crianças vistas como pouco atraentes, aliado ao fato de que o egoísmo é considerado um traço permanente (Cavior & Howard, 1980; Cavior & Howard, 1973; Dion, 1972), pode levar a resultados diferentes (apenas os professores parecem interagir de maneira menos positiva) com a criação de atrativos na escola de ensino fundamental. Crianças consideradas temporariamente atraentes reagem a ela de forma mais favorável (Knapp & Hall, 1972/1999).

Os julgamentos da aparência física são influenciados por uma série de fatores além da mera harmonia entre os traços fisionômicos. Dentre os parâmetros que contribuem para a avaliação das pessoas em sua apreciação da beleza, estão a altura, a forma do corpo (Queiroz & Otta, 1999), a maneira de se locomover e de se gestualizar (Andersen, 1999), a higiene e o vestuário, e o quanto o conjunto e composição das características aproximam-se do ideal de beleza de determinado grupo. O que nos remete à cor/raça/etnia da pessoa avaliada. Assim, é importante que se considere a investigação da atratividade.

A base teórica que tem sido proposta para explicar as possíveis diferenças entre pessoas consideradas atraentes e não atraentes tem sido o modelo da expectativa de recompensa (Jacobson, 1968) levantaram questionamentos sobre a validade das possíveis consequências das expectativas de recompensa a respeito de seus alunos. Quando os professores são induzidos a acreditar que alguns alunos são mais atraentes, adiantados na aprendizagem, desempenham melhor na sala de aula.

O mecanismo pelo qual as expectativas baseadas no estereótipo podem influenciar o desenvolvimento da personalidade tem sido pouco discutido. Uma hipótese para a explicação do fenômeno é via efeito da expectativa sobre o autoconceito (Darley & Fazio, 1980). Por exemplo, se a expectativa em relação a um indivíduo é de que ele seja sociável, o comportamento dos outros pode influenciá-lo para que ele se torne uma pessoa sociável, induzindo-o gradualmente a internalizar a sociabilidade como parte de seu autoconceito e a se comportar de acordo com sua auto-imagem. A autoperccepção de atratividade seria influenciada pela auto-estima global, de tal forma que pessoas que têm uma auto-estima elevada também se sentiriam fisicamente atraentes.

A representação positiva do eu é um indicador crítico do bem-estar e de satisfação pessoal e fator essencial para o funcionamento eficaz da criança e do adulto (Mussen, Conger & Kagan, 1973; Verschueren & Marcoen, 1999). Utilizamos no presente estudo medidas de auto-avaliação de competência e de aceitação social (Harter & Pike, 1983), bem como de características comportamentais e de atratividade física. Franco e Levitt (1998) sintetizam uma série de estudos que mostram a função do apoio social na proteção da auto-estima. Segundo Harter (1999), o apoio, na forma de aceitação e aprovação dos pais - e não dos companheiros -, é uma fonte importante de auto-avaliação para crianças pequenas, enquanto, para as mais velhas, a aprovação dos companheiros é a que mais contribui para sustentar o autoconceito. Entretanto, como Mussen e colaboradores (1973) relatam, a imagem que a criança tem de si influencia como os companheiros reagem a ela.

Embora haja evidências no sentido de que um autoconceito positivo seja mais influenciado pelo suporte familiar em crianças de quatro a cinco anos, interessou-nos examinar a relação entre autopercepção e avaliação de atratividade física, pois supomos que, mesmo antes dessa idade, os companheiros se tornam, além dos adultos, importantes elementos de referência de aceitação

espontaneidade, alegria, sociabilidade. Podemos a esse respeito levantar a hipótese de que as características comportamentais que caracterizam uma baixa atratividade física anulariam uma alta atratividade, mas essa diferença seria tão grande que o julgamento da atratividade física poderia, através de um processo de realizadora - em larga medida - a concretização da expectativa de que pessoas consideradas pouco atraentes possuem uma menor possibilidade de mostrar suas qualidades positivas. Embora essas hipóteses sejam diretamente através de estudos empíricos, elas possibilitem determinar a validade das hipóteses. Assim, procuramos no presente trabalho investigar se as características comportamentais estão, de alguma forma, associadas à percepção de atratividade. A associação entre a atratividade física e a personalidade é estudada, como demonstram os resultados de Ashmore, Makhijani & Long (1989).

Entretanto, nos poucos estudos sobre o desenvolvimento infantil que existem, a associação entre a atratividade física tem sido comumente vista como uma característica comportamental que pode ser considerada como variável independente, da mesma forma que a personalidade. Isso é feito para fazer na presente investigação, que compara as impressões iniciais de diversos tipos de crianças, que não estavam familiarizadas com as crianças, com as impressões iniciais das crianças que estavam familiarizadas com elas.

De forma sintética, os objetivos do presente trabalho foram: (1) identificar as escolhas sociométricas de pré-adolescentes e adolescentes quanto ao comportamento atribuídos pelas pessoas que possuem maior atratividade física de diferentes gêneros; (2) analisar se as crianças e adolescentes julgam de maneira similar as avaliações feitas por avaliadores com diferentes gêneros; (3) analisar se as crianças e adolescentes associam ao autoconceito das

garantindo que, em nenhum momento, divulgariamos a identidade das crianças.

Como a avaliação de raça é uma questão extremamente complexa, especialmente em países como o Brasil em que a diversidade e miscigenação de etnias é considerável (Guimarães, 2000), optamos por solicitar a três juízas de nível universitário, que se consideraram brancas e a três juízas do mesmo nível de instrução, que se avaliaram como pretas ou pardas que julgassem a cor das crianças através de fotos, segundo os critérios do IBGE (branca, preta, parda, amarela, outra). Como a correlação de Pearson entre as juízas brancas e pretas/pardas foi muito alta ($r=0,892$; $p<0,001$), optou-se por categorizar as crianças de acordo com a classificação predominante no conjunto dos seis julgamentos. Ao final, 24 crianças foram consideradas brancas (62%), 14 pretas ou pardas (36%) e uma, amarela (2%).

O total de crianças avaliadas pelos adultos não familiarizados foi 39 crianças, pois não conseguimos fotografar um dos participantes que deixou de comparecer à creche no final do estudo.

Procedimento

Avaliação de Atratividade Física

As crianças foram avaliadas quanto à atratividade física por três observadoras adultas que conviveram com elas durante 4 meses, coletando dados para esta e outras pesquisas e por três juízas também adultas que não as conheciam. Esse último grupo avaliou-as através de um par de fotografias de cada criança, contendo uma foto dela séria e outra, sorrindo. As fotografias foram tiradas no mesmo local, no pátio da creche e repetidas caso a criança não se mostrasse muito à vontade. As juízas eram mulheres adultas, brancas e com nível universitário. A escala utilizada pelos dois grupos se baseava nas seguintes categorias: 1- *Nada atraente*; 2- *Pouco atraente*; 3- *Medianamente atraente*; 4- *Atraente*; 5- *Muito atraente*. Para possibilitar um agrupamento das crianças em três categorias, distribuíram-se os cinco escores em três grupos: pouco atraente (1-2), medianamente atraente (3) e atraente (4-5).

escores dos três juízes: de 3,00 a 3,99 (valores médios dos escores dos três juízes). A porcentagem de crianças incluídas encontra-se na Tabela 1.

As crianças também foram avaliadas por suas colegas, pedindo-se que nomeassem aquelas que consideravam mais bonito e o menos bonito. Na entrevistas individuais em que foram feitas, de atributos comportamentais (descrições da criança obtive um escore correspondente às vezes que foi citada em cada categoria).

Por fim, foram realizadas auto-avaliações, em que as crianças puderam manifestar-se a respeito da sua atratividade física, escolhendo uma de treze opções de resposta, de "não atraente" a "muito atraente". As participantes se julgaram apenas medianamente atraentes. Foram computados 35 participantes, pois quatro deles não responderam à pergunta sobre a sua atratividade física na creche no período da respectiva coleção de dados, e disso não saber classificar-se.

Avaliação de Preferência Social: Índices Sociais

Perguntava-se a cada criança: "quem é o(a) colega que você mais gosta?". Em seguida, "e depois deste (a), de quem você mais gosta?". Da segunda citação, a última pergunta que se obtivessem os três colegas preferidos pelo participante mais gostava. Perguntava-se ao participante: "me diga qual o (a) colega de quem você mais gosta". Repetia-se o procedimento até se obterem três respostas negativas. As crianças, em geral, tiveram dificuldade em citar os colegas de quem menos gostavam, e os participantes citaram apenas um ou dois colegas. Os companheiros de que mais ou de que menos gostavam declarando não haver mais nenhuma pessoa com quem gostar. Nesses casos, foram computados os três colegas citados. Foram computadas as respostas positivas que cada criança recebeu, obtendo-se assim três índices sociais.

Avaliação de Competência e Aceitação Percebidas

Adotamos a Escala Ilustrada de Competência e Aceitação Social Percebidas para Crianças (EICASP), desenvolvida por Harter e Pike (1983). Essas autoras criaram quatro escalas que avaliam: Competência Cognitiva (Ex.: saber fazer um quebra-cabeça), Competência Física (Ex.: escalar trepa-trepa), Aceitação por Companheiros (Ex.: ter muitos amigos) e Aceitação pela Figura Materna (Ex.: mãe que brinca com a criança).

Para cada item havia um par de figuras, ilustrando uma criança mais e outra menos competente em um dado atributo. O participante devia escolher a figura da criança do par que achava mais parecida consigo mesmo. A seguir, ele avaliava se a criança da figura escolhida era muito ou pouco parecida consigo mesmo. Os examinadores atribuíram um escore de 1 a 4 para cada item: 1 – *Escolha da figura menos competente com círculo maior (muito parecida)*; 2 – *Figura menos competente com círculo menor (pouco parecida)*; 3 – *Figura mais competente com círculo menor (pouco parecida)*; 4 – *Figura mais competente com círculo maior (muito parecida)*. Portanto, 4 era o escore máximo da criança que se achava muito competente em determinado atributo. Ao final, obteve-se uma pontuação média para cada escala e um escore médio total para cada participante. Foram utilizados dois conjuntos de pranchas: um para meninas e outro para meninos.

Avaliação de Atributos Comportamentais

As crianças foram também avaliadas pelos colegas quanto a atributos comportamentais. Para isto, utilizou-se um instrumento, adaptado a partir de Morais, Otta e Scala (2001), composto por quatro pranchas com figuras de crianças que ilustravam diferentes características comportamentais: ajuda/atrapalha, briga/não briga, alegre/triste e sociável/não sociável. Cada prancha ilustrava à esquerda uma das ações, como “ajuda os colegas”, sendo realizada por meninos e meninas e à direita, a ação antagônica

correspondente, como “atrapeia os colegas”. A avaliação também realizada por meninos e meninas, mas à parte esquerda da prancha, foi feita com o seguinte comentário: “Estas crianças ajudam os outros ou atrapalham os outros?”, “O que seu colega seu/sua que se parece com a sua classe faz?”, “Por que a sua classe é assim?”.” Repetiu-se o processo para as outras três características investigadas. Cada característica teve seu escore, que era a soma da freqüência em que foi citada.

Ao final da entrevista, cada participante assinava o termo de respeito da confidencialidade, garantindo que a informação só seria divulgada para que ela não discutisse a experiência com os pais.

Resultados

Correlação entre Avaliações de Atratividade entre Crianças, Adultos, de Colegas e da Própria Atratividade

A Tabela 2 mostra a correlação entre as avaliações de atratividade calculados a partir das avaliações de crianças, adultos familiarizados e não familiarizados. Encontrou-se correlação positiva entre as avaliações dos adultos familiarizados e não familiarizados. Apesar dessa similaridade entre as avaliações das crianças e aquelas do grupo de colegas, houve diferença entre as avaliações das crianças e aquelas dos adultos familiarizados e não familiarizados. Apesar da diferença entre as avaliações das crianças e aquelas dos adultos familiarizados e não familiarizados, a correlação entre as avaliações das crianças e os índices de atratividade calculados a partir das avaliações das crianças e dos adultos familiarizados e não familiarizados foi significativa com os índices da atratividade calculados a partir das avaliações das crianças. Optamos por fazer análises divididas entre crianças e adultos (familiarizados e não familiarizados) e entre crianças e adultos (familiarizados e não familiarizados). Os resultados são semelhantes aos esperados, pois decorrem da formação de grupos de referência de atratividade (número de indicações de atratividade) e de menor número de indicações de atratividade (número de indicações de não atratividade). Assim, a avaliação dos colegas e a avaliação da própria atratividade correlacionaram-se positivamente, enquanto a avaliação da atratividade negativa entre avaliação das crianças e o índice de atratividade calculado a partir das avaliações das crianças e dos adultos familiarizados e não familiarizados.

Escolhas Sociométricas em Função de Atratividade Física

Atratividade Avaliada por Adultos

a) Não familiarizados com as crianças

O teste de MANOVA não revelou efeitos estatisticamente significativos de sexo, nem de categorias de atratividade física, conforme julgamento por parte de adultos não familiarizados com as crianças sobre os indicadores sociométricos.

b) Familiarizados com as crianças

O teste de MANOVA revelou diferença global significativa dos indicadores sociométricos obtidos pelo julgamento dos colegas em função das categorias de atratividade física avaliada pelos adultos a elas familiarizados, $\Lambda_{de Wilks} = 0,582$, $F(4,66) = 5,124$, $p < 0,01$. Testes univariados subsequentes revelaram diferenças significativas quanto a escolhas positivas, $F(2,34) = 6,143$, $p < 0,01$, escolhas negativas, $F(2,34) = 4,124$, $p < 0,05$ e preferência social $F(2,34) = 10,067$, $p < 0,001$. Comparações dois-a-dois através do teste de Tukey revelaram que as crianças consideradas pouco atraentes foram alvo de um menor número de escolhas positivas, $p < 0,01$, maior número de escolhas negativas, $p < 0,05$, e tiveram escores de preferência social mais baixos, $p < 0,001$, em comparação com as tidas como muito atraentes. As crianças consideradas medianamente atraentes foram alvo de um menor número de escolhas positivas, $p < 0,05$, do que as avaliadas como muito atraentes. Quando comparadas com as vistas como pouco atraentes, as consideradas medianamente atraentes receberam menos escolhas negativas e tiveram maior escore de preferência social ($p < 0,05$). A Figura 1 representa as médias dos índices sociométricos em função de atratividade conforme avaliação de adultos familiarizados com as crianças.

O teste de MANOVA não revelou efeito global significativo de sexo, nem de interação entre sexo e categorias de atratividade física.

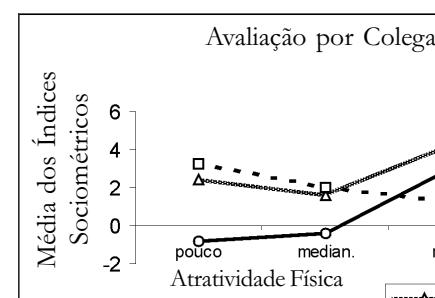
Atratividade Avaliada pelos Colegas

O teste de MANOVA revelou diferença global significativa dos indicadores sociométricos obtidos pelo julgamento dos colegas em função das categorias de atratividade física avaliada pelos adultos a elas familiarizados, $\Lambda_{de Wilks} = 0,624$, $F(4,66) = 4,386$, $p < 0,01$. Testes univariados subsequentes revelaram diferenças significativas quanto a escolhas positivas ($F(2,34) = 5,400$, $p < 0,01$), escolhas negativas ($F(2,34) = 3,273$, $p < 0,05$) e preferência social ($F(2,34) = 10,067$, $p < 0,001$). Comparações dois-a-dois através do teste de Tukey revelaram que as crianças avaliadas como muito atraentes foram alvo de um maior número de escolhas positivas ($p < 0,05$), tenderam a ser alvo de um menor número de escolhas negativas ($p < 0,10$) e apresentaram escores de preferência social ($p < 0,01$) em comparação com as tidas como muito atraentes (Figura 2). Além disso, as crianças consideradas medianamente atraentes foram alvo de um menor número de escolhas positivas ($p < 0,01$) e tiveram escores de preferência social mais baixos ($p < 0,01$) do que as consideradas muito atraentes.

O teste de MANOVA não revelou diferença global significativa de sexo nem de interação entre sexo e categorias de atratividade física.

Auto-avaliação de beleza

Foi detectado efeito multivariado significativo entre auto-avaliação de atratividade física e os indicadores sociométricos ($\Lambda_{de Wilks} = 3,668$; $p < 0,05$).



Julgamento de Características Comportamentais por Parte de Colegas em Função de Atratividade Física Atratividade Avaliada por Adultos

a) Não familiarizados com as crianças

O teste de MANOVA não revelou efeitos estatisticamente significativos de categorias de atratividade física conforme julgamento por parte de adultos não familiarizados com as crianças sobre os atributos comportamentais.

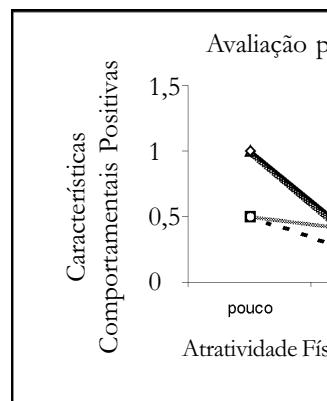
b) Familiarizados com as crianças

O teste de MANOVA revelou diferença global significativa das características comportamentais atribuídas por colegas em função das categorias de atratividade física avaliada pelos adultos familiarizados com as crianças (*Lambda de Wilks* = 0,372, $F_{16,60} = 2,400, p < 0,01$). Testes univariados subseqüentes revelaram diferenças significativas quanto à Não-agressividade ($F_{2,37} = 6,569, p < 0,01$) e quanto à Sociabilidade ($F_{2,37} = 6,286, p < 0,01$). Comparações dois-a-dois através do teste de Tukey revelaram que as crianças avaliadas como muito atraentes foram consideradas menos agressivas e mais sociáveis do que as vistas como pouco atraentes ($p < 0,01$). Já as crianças apreciadas como muito atraentes, quando comparadas às percebidas como medianamente atraentes, foram julgadas como mais sociáveis ($p < 0,05$) e tenderam a ser avaliadas como menos agressivas ($p = 0,06$). A Figura 3 apresenta as médias dos diversos parâmetros comportamentais em função da atratividade conforme avaliação de adultas familiarizadas com as crianças.

Atratividade Avaliada pelos Colegas

O teste de MANOVA revelou diferença global significativa dos atributos comportamentais em função das categorias de atratividade física avaliada pelos colegas (*Lambda de Wilks* = 0,283, $F_{16,60} = 3,300, p < 0,001$). Testes univariados subseqüentes revelaram diferenças significativas quanto a

características comportamentais ($F_{2,37} = 3,788, p < 0,05$), Alegria ($F_{2,37} = 9,682, p < 0,01$), Não-agressividade ($F_{2,37} = 9,343, p < 0,01$) – e o perturbador ($F_{2,37} = 7,919, p < 0,01$), Agressividade ($F_{2,37} = 7,277, p < 0,01$), Social ($F_{2,37} = 3,727, p < 0,05$). As crianças avaliadas como muito atraentes, foram consideradas pouco atraentes, e as consideradas pouco atraentes, foram consideradas muito atraentes, foram avaliadas como mais isoladas, mais agressivas ($p < 0,01$). Com relação às crianças medianamente atraentes, as consideradas pouco atraentes foram avaliadas como mais agressivas e perturbadoras ($p < 0,01$) e as consideradas muito atraentes, como crianças tidas como muito atraentes, mais colaboradoras, mais alegres e mais sociáveis ($p < 0,01$). As crianças medianamente atraentes, foram consideradas como medianamente atraentes. A Figura 3 apresenta as médias das características comportamentais em função de atratividade física.



Auto-avaliação de beleza

Não foi detectado efeito multivariado significativo do julgamento de características comportamentais por parte dos colegas em relação à auto-avaliação de atratividade física.

Competência e Aceitação Social Percebidas em Função de Atratividade Física

Encontrou-se efeito multivariado significativo da auto-avaliação de atratividade física sobre os escores obtidos através da Escala Ilustrada de Competência e Aceitação Social Percebidas para Crianças de Harter e Pike (1980, 1983) (*Lambda de Wilks* = 0,706, $F_{4,30} = 3,125, p < 0,05$). Análises univariadas revelaram efeitos significativos para Aceitação por Companheiros ($F_{1,33} = 8,527, p < 0,01$), Aceitação Materna ($F_{1,33} = 7,477, p < 0,01$), Competência Física ($F_{1,33} = 5,317, p < 0,05$) e Competência Cognitiva ($F_{1,33} = 7,959, p < 0,01$). A Tabela 3 mostra que as crianças que se auto-avaliaram como atraentes também se consideraram mais aceitas pelos companheiros e pela mãe e se perceberam como mais competentes física e cognitivamente do que as que se avaliaram como medianamente atraentes.

Não foram encontrados efeitos das avaliações de atratividade física por parte de adultos não familiarizados, adultos familiarizados, nem de colegas sobre os escores obtidos através da EICASP.

Relações entre Avaliações de Atratividade Física e a Classificação de Raça/cor/etnia da Criança

Para verificar se diferenças nas avaliações de atratividade estavam associadas a cor/raça/etnia, utilizaram-se testes de qui-quadrado. As avaliações dos colegas não foram influenciadas pela variável cor/raça/etnia, ou seja, a distribuição de brancos e pretos/pardos nas três categorias de atratividade (muito, medianamente e pouco atraentes) conforme avaliação dos colegas, não apresentou diferenças estatisticamente significativas. Nesta análise, o parâmetro utilizado foi a subtração do número de citações como

Efetuamos uma análise adicional através de um teste de qui-quadrado, para verificar se haveria uma associação entre as crianças considerarem mais atraentes suas amigas de cor/raça/etnia e, para isso, registrou-se qual foi a raça do colega nomeado como atraente. Novamente, nenhuma relação significativa foi encontrada.

No caso das juízas adultas, foram encontrados efeitos significativos, indicando que mais crianças foram avaliadas como atraentes do que pretas/pardas e juízas estranhas ($\chi^2 = 12,40; gl = 4; p < 0,05$) e que mais crianças foram avaliadas como atraentes do que não familiarizadas ($\chi^2 = 16,47; gl = 4; p < 0,05$).

Discussão

Nossos resultados indicam que os efeitos da atratividade física foram afetados pelas avaliações de atratividade dos adultos e que essas avaliações estivessem correlacionadas com as dos adultos e a desses últimos com as avaliações dos adultos. Deve-se ter atenção a não-transitividade, ou seja, a ausência de efeitos significativos entre adultos não familiarizados. É possível considerar que o elemento familiarizado possa ser mais relevante para as avaliações de adultos que conhecem a criança. Pode-se supor que os julgamentos de crianças nesses casos tenham sido também influenciados pelas características comportamentais das crianças.

Por sua vez, a correlação entre as avaliações de atratividade independentemente da familiarização, pode ser explicada por efeitos mais ligados a fatores estritamente sociais, atuando nos adultos familiarizados, e que não sejam amenizados no grupo de colegas, ou seja, a familiarização seria preponderante. Alternativamente, se ia pensar em pontos de vista comuns entre os adultos, o fato dos juízes serem todos adultos. Entretanto, o fator etário parece não ter sido suficiente para explicar a ausência de efeitos da atratividade física entre adultos familiarizados.

A ausência de efeito da variável cor/raça/etnia nas avaliações de atratividade física pode ser explicada pelo fato de que a maioria das crianças é branca, e que a variável cor/raça/etnia não é um fator muito relevante para a avaliação de atratividade física.

suposição de predomínio do efeito das características comportamentais sobre tais julgamentos. Podemos supor ou que as crianças não tenham ainda assimilado da cultura os estereótipos associados à cor da pele e a características de raça/etnia, ou que a familiaridade e a convivência tenham atenuado seu efeito. O presente trabalho aponta na direção da suposição de que, para crianças pequenas o peso da variável atratividade é maior do que o da cor/raça/etnia. Estes dados são parcialmente reforçados pelo estudo de Langlois e Stephan (1977), que sugerem que “os estereótipos associados à atratividade física são determinantes mais fortes da preferência por companheiros e de atribuições de características comportamentais do que os estereótipos étnicos” (p. 1694).

Verificamos que as juízas, todas mulheres brancas, consideraram mais atraentes as crianças de sua cor. Embora reconheçamos que a opinião de adultos seja um dos fatores que podem influenciar as relações criança/criança, não nos estenderemos na discussão do fenômeno de estereótipos de cor/ raça/etnia em adultos, por não se tratar do escopo do presente trabalho, cujo foco foi direcionado para a interação entre as crianças. Consideramos, contudo, que a presença de estereótipos revelada nas escolhas das juízas adultas é um dado tão relevante que requer estudos específicos, em que seja considerado o julgamento de homens e mulheres de diferentes etnias, em maior número, com diferentes graus de convivência com as crianças e dentro dos diversos segmentos sociais.

As adultas não familiarizadas foram as únicas a avaliarem fotos. O fato de, ainda assim, haver correlação com a avaliação das adultas familiarizadas reforça a possibilidade de efeitos estritamente estéticos. Contudo, não se deve desprezar a possibilidade de as fotos retratarem, em algum nível, índices de ajustamento comportamental, que poderiam, intuitivamente, estar sendo utilizados no processo de avaliação, ainda mais se considerarmos que os julgamentos foram baseados em duas fotos das crianças, uma com a face séria e a outra com a face sorridente.

sistemáticos marcam de muita forma a percepção de uma pessoa (Andersen, 1999; Ectov, 1999). As “características comportamentais” apresentadas pelas crianças, que não dão causa a dúvida, revelaram também indícios de que as crianças e foram supostamente mais atraentes para os adultos não familiarizados.

A ligação entre julgamento de atratividade, preferência social e de atratividade física é uma das partes mais interessantes da pesquisa. Os colegas indicados como mais agradáveis, mais ajudavam, menos agrediam e mais alegres foram também considerados mais apreciados. Isso indica que o procedimento era iniciado com a observação de crianças em ação, sempre atraíndo, atraídos, atrapalhando, sempre sociáveis e amigáveis, sempre por diante, pedindo-se para o lado, sempre que se parecia com elas, dentre os 40 colegas, sempre que se ações concretas de ajudar, atraídos, ser sociável, ficar isolada e mostrando-se desinteressados.

Os resultados denotam ligação entre julgamento de atratividade e avaliação de beleza, que já estabelecidas em crianças de 4 a 6 anos. Nessa idade, a associação, a literatura tem salientado a importância do estereótipo da beleza. A meta-análise de Feingold (1992) concluiu que pessoas com rosto bonito eram julgadas como mais atraentes, independentemente do que pareciam ser. A beleza é considerada como um halo da personalidade, baseando-se no princípio de que pessoas atraentes tendem a ser percebidas por outros como mais sociáveis, dominantes, saudáveis, amigáveis, habilidosas, embora tenham sido julgadas como mais baixas entre atratividade e medo. A beleza é considerada como uma capacidade mental. Feingold levanta a questão de se as correlações reais serem derivadas de diferenças individuais ou possíveis diferenças comportamentais entre pessoas atraentes e não atraentes ou seriam enganadas por esse efeito halo. Desses enganos, gerados pelos estereótipos de beleza, surgem modelos de expectativa/projeção de que pessoas bonitas são mais atraentes (Feingold, 1992).

O temor dos efeitos perniciosos dos preconceitos e estereótipos tem nos impedido de considerar que os erros de avaliação são facetas de um processo humano de reconhecimento e de avaliação do outro, que precisa ser mais bem entendido. Tem também restringido as interpretações sobre a beleza como limitada a essa classe de fenômenos, embora existam razões para supormos tratar-se de algo fundamental, revelado não só no que é universal no julgamento estético, mas também no que é peculiar nas culturas (Queiroz & Otta, 1999).

Nem sempre os “enganos” relacionados à auto-avaliação de atratividade são danosos. O fato de, na presente pesquisa, as crianças terem apresentado uma auto-avaliação de atratividade mais favorável do que a dos demais juízes, dentro desta linha, poderia representar um engano ajustado, adaptativo, no sentido de propiciar uma auto-profecia realizadora mais positiva. Semelhantemente aos dados encontrados neste estudo, Feingold (1992) verificou em sua meta-análise uma correlação baixa de 0,24 entre atratividade física atribuída por juízes externos e auto-avaliação de atratividade física. Analisando a questão do autoconceito em crianças de idade pré-escolar, Harter e Pike (1984) constataram pouca correspondência entre a auto-imagem que a criança tem de si e a imagem que dela têm seus pares, familiares e professores. Esse desacordo levou as autoras a considerarem que a criança, ao se avaliar, confunde, ou, pode-se supor, leva em conta mais sua auto-imagem ideal que a real. A dificuldade da criança pequena em julgar a competência de seu próprio desempenho pode ser adaptativa em alguns contextos. As crianças que superestimam suas próprias habilidades podem experimentar uma maior diversidade de habilidades, deixando de perceber seu desempenho “menos que perfeito” como um fracasso (Bjorklund, 1997; Bjorklund & Pellegrini, 2000). O único resultado significativo quanto às diferenças entre os sexos refere-se ao menor número de escolhas negativas recebidas pelas meninas que se auto-avaliaram como atraentes. A ausência desse efeito nos

especialmente se considerarmos que o problema situações concretas relembradas do Ashmore, Makhijani e Longo (1991), em que o estereótipo de atratividade física, efeito “quem é bonito é bom” torna-se que aumenta o grau de informações sobre quem está sendo julgada. O peso de um item de determinante de um julgamento torna-se maior em que um número maior de itens é levado em conta.

É evidente que a análise da relação comportamento exigiria a consideração da observação de comportamento, que se realizada, como parte de um estudo maior, em andamento.

Ao dizer que efeitos de *halo* podem ser sentidos, pode-se ficar tentado a encarar os dois casos, como decorrentes de duas coisas sejam possíveis, convém que a aparência pode efetivamente revelar o que em que as avaliações não deveriam ser consideradas enganos estereotipados, mas sim completamente justificadas. Somos atraídos por um homem belo, mas que pode ser considerado que vão além do estritamente estético, este estritamente estético for entendido anatômico e independente de fatores muito provável que sejamos especialmente indicadores de ajustamento que podem ser percebidos na aparência. Nos estudos de beleza dentro da atração sexual, há indicadores da capacidade de reprodução (Queiroz & Otta, 1999; Larsen, 1999; Singh, 1993). De modo a se ia pensar na ligação entre alguns aspectos percebida com ajustamento psicológico abordada num sentido mais amplo – como indicador de ajustamento psicossocial que servem como pistas para o reconhecimento de que o indivíduo é adequado.

sincronização e espelhamento de expressões apresentadas por recém-nascidos (Bussab & Ribeiro, 1998). A preferência dos bebês por faces consideradas atraentes por adultos (Langlois & cols., 1991; Langlois & cols., 1987; Slater & cols., 1998) denota, por sua vez, aspectos adaptativos básicos do julgamento estético. A presença das associações entre afeto, atratividade e julgamentos de comportamento nas crianças de cinco anos do presente estudo reafirma esse processo como essencial ao relacionamento humano e reitera a importância de sua compreensão.

Referências

- Adams, G. R. & Crane, P. (1980). An assessment of parents' and teachers' expectations of preschool children's social preference for attractive or unattractive children and adults. *Child Development*, 51, 224-231.
- Attili, G. (1990). Successful and disconfirmed children in the peer group: Indices of social competence within an evolutionary perspective. *Human Development*, 33, 238-249.
- Andersen, P. A. (1999). *Nonverbal communication: Forms and functions*. Mountain View, California: Mayfield.
- Berger, C. R. & Calabrese, R. J. (1975). Some explorations in initial interaction and beyond: Toward a theory of interpersonal communication. *Human Communication Research*, 1, 99-112.
- Bjorklund, D. F. (1997). The role of immaturity in human development. *Psychological Bulletin*, 122, 153-169.
- Bjorklund, D. F. & Pellegrini, A. D. (2000). Child development and evolutionary psychology. *Child Development*, 71, 1687-1708.
- Brown, R. W. (1986). *Social Psychology*. New York: Free Press.
- Bussab, V. S. R. & Ribeiro, F. J. L. (1998). Biologicamente cultural. Em L. Souza, M. F. Q. Freitas & M. M. P. Rodrigues (Orgs.), *Psicologia: Reflexões (im)pertinentes* (pp. 175-193). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Cavior, N. & Howard, L. R. (1973). Facial attractiveness and juvenile delinquency among black and white offenders. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 1, 202-213.
- Chia, R. C., Allred, L. J., Grossnickle, W. F. & Lee, G. W. (1998). Effects of attractiveness and gender on the perception of achievement-related variables. *The Journal of Social Psychology*, 138, 471-477.
- Coie, J. D., Dodge, K. A. & Coppotelli, H. (1982). Dimensions and types of social status: A cross-age perspective. *Developmental Psychology*, 18, 557-570.
- Darley, J. M. & Fazio, R. H. (1980). Expectancy confirmation processes arising in the social interaction sequence. *American Psychologist*, 35, 867-881.
- Dermer, M. & Thiel, D. L. (1975). When beauty may fail. *Journal of Personality and Social Psychology*, 31, 1168-1176.
- Furnham, A. (1989). Friendship and peers. In A. Furnham & S. Tomaselli (Orgs.), *The dialectics of social life*. Routledge.
- Guimarães, A. S. A. (2000). Apresentação. In S. Huntley (Orgs.), *Tirando a máscara: Atratividade e gênero* (pp. 17-30). São Paulo: Paz e Terra.
- Harris, M. J. & Rosenthal, R. (1985). Meta-analyses. *Psychological Bulletin*, 97, 177-195.
- Harter, S. (1999). *The construction of the self*. The Guilford Press.
- Harter, S. & Pike, R. (1980). *The Pictorial Acceptance for Young Children*. Plates female. Colorado: University of Denver.
- Harter, S. & Pike, R. (1983). *The Picture Acceptance for Young Children*. Plates of Denver.
- Harter, S. & Pike, R. (1984). The Pictorial and Social Acceptance for Young Children. 1969-1982.
- Hatzichristou, C. & Hopf, D. (1996). Peer sociometric status groups in *Child Development*, 67, 1085-1102.
- Hess, E. H. (1965). Attitude and pupil size. *American Journal of Psychology*, 78, 110-119.
- Hess, E. H. (1975). The role of pupils in the classroom. *American Educational Research Journal*, 23, 110-119.
- Kleck, R., Richardson, S. A. & Ronald, D. (1984). Attraction and interpersonal attraction in children. *Child Development*, 55, 101-112.
- Knapp, M. L. & Hall, J. A. (1972). *Nonverbal communication* (M. A. L. Barros, Trad.). publicado em 1972
- Langlois, J. H. & Stephan, C. (1977). The effect of sex and ethnicity on children's beauty preferences. *Child Development*, 48, 101-112.
- Langlois, J. H., Ritter, J. M., Roggman, L. A. & Johnson, C. (1990). Diversity and infant preferences. *Journal of Nonverbal Behavior*, 27, 79-84.
- Langlois, J. H., Roggman, L. A., Casey, R. A. & Jenkins, V. Y. (1987). Infant perception of facial attractiveness. *Infant Behavior and Development*, 10, 1-12.
- Lewin, R. (1999). *Evolução humana* (D. M. Lewin, Org.). Original publicado em 1998
- Lopes, V. N. (1999). Racismo, preconceito e ódio. In V. N. Lopes (Org.), *Superando o racismo na escola* (pp. 1-20). Educação.
- Morais, M. L. S., Otta, E. & Scala, C. (2000). Características comportamentais em pré-escolares. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 13, 11-18.
- Mussen, P. H., Conger, J. J. & Kagan, J. (1998). *La niña*. México: Trillas.
- Parke, R. D., O'Neil, R., Spitzer, S., Isbell, C. & Parker, J. (1998). *Child Development*, 69, 1085-1102.

- Singh, D. (1993). Adaptive significance of female physical attractiveness: Role of waist-to-hip ratio. *Journal of Personality and Social Psychology*, 65, 293-307.
- Slater, A., Von der Schulenburg, C., Brown, E., Badenoch, M., Buttsworth, G., Parsons, S. & Samuels, C. (1998). Newborn infants prefer attractive faces. *Infant Behavior and Development*, 21, 345-354.
- Stass, W. & Willis Jr., F. N. (1967). Eye contact, pupil dilatation, and personal preference. *Psychonomic Science*, 7, 375-376.
- Verschueren, K. & Marcoen, A. (1999). Representation of self and socioemotional competence in kindergarteners: Differential and combined effects of attachment to mother and to father. *Child Development*, 70, 183-201.
- Wheeler, L. & Kim, Y. (1997). What is beautiful is physical attractiveness stereotype has different cultures. *Personality and Social Psychology Bulletin*,

Sobre as autoras

Cristina Landgraf Lee-Manoel é Licenciada em Educação Física pela EEEFEUSP, Mestre em Ciências do Esporte pela Universidade de Loughborough, Inglaterra e Doutoranda em Psicologia Experimental pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Maria de Lima Salum e Moraes é Psicóloga formada pelo IPUSP, com atuação nas áreas de Educação e Saúde Pública, Mestre e Doutoranda em Psicologia Experimental pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Vera Silvia Raad Bussab é Psicóloga formada pelo IPUSP, com atuação na área de Etiologia. Professora Doutora do Departamento de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Emma Otta é Psicóloga formada pelo IPUSP, com atuação na área de Etiologia. Professora Associada, Livre-Docente, Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Experimental e Chefe do Departamento de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.